

Prezadas e prezados líderes,

No mês do Dia Internacional da Mulher, queremos chamar sua atenção para a importância de escutar as meninas e jovens mulheres ao elaborar políticas públicas mais justas e eficazes.

Esta carta foi construída no contexto da Pandemia da Covid-19, nos anos de 2020 e 2021, por meninas de todas as regiões do país. No entanto, mesmo hoje em 2023, observamos pouco avanço nas demandas aqui mencionadas. Questões ligadas a saúde, educação e proteção precisam ser levadas em conta para garantia de acesso efetivo das meninas a essas políticas. Embora a Pandemia esteja em processo contínuo de diminuição seus efeitos ainda são visíveis em grupos minorizados e as meninas precisam ter suas vozes e demandas ouvidas!

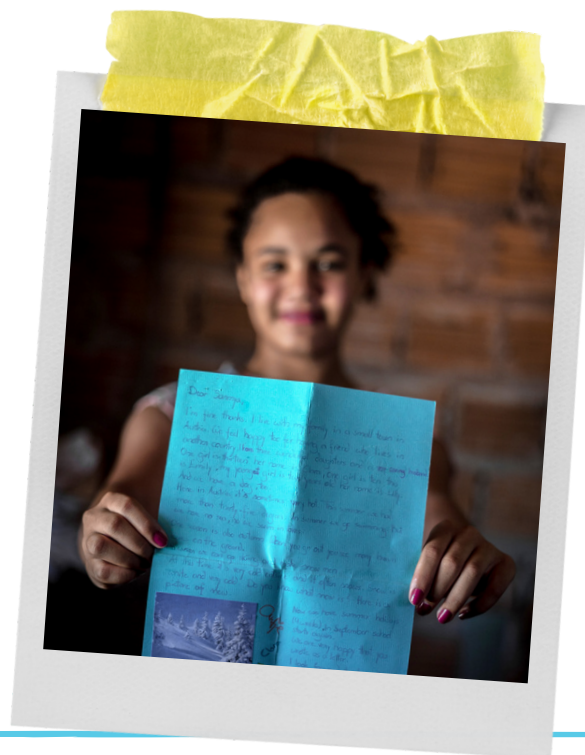
Sabemos que a pandemia de Covid-19 agravou diversas formas de desigualdades sociais, afetando especialmente as populações mais vulnerabilizadas. Esse contexto também trouxe à tona, mais uma vez, a triste realidade de que, para meninas e mulheres, nem sempre o ambiente familiar é o mais seguro. Meninas entre 12 e 14 anos foram e ainda são as vítimas mais frequentes de violência sexual e seus agressores, na maioria das vezes, são familiares e conhecidos.

O fechamento das escolas e sua reabertura foi um desafio para crianças e adolescentes de todo o país. No entanto, para alguns grupos, o ensino a distância representou mais um fator de exclusão social, já que a dificuldade de acesso a recursos tecnológicos e falta de apoio educacional afetou especialmente meninas com menos recursos, gerando impactos significativos no seu direito à educação.

Além disso, o trabalho doméstico, com frequência destinado exclusivamente a meninas e mulheres, representa mais um risco para o acesso à educação e profissionalização, tornando-as as principais responsáveis pelos cuidados familiares e domésticos e possivelmente afastando-as de projetos e sonhos pessoais e profissionais. Esse contexto nos mostrou que, apesar de todo o marco legal nacional e internacional de proteção e promoção de direitos de meninas e mulheres, situações de crise evidenciam a fragilidade de populações vulnerabilizadas e a necessidade de estarmos atentas a possíveis retrocessos e fortalecidas para a defesa da dignidade e liberdade de meninas e mulheres.

Pensando nesse movimento, a Plan International Brasil e outras organizações no país reuniram um grupo de meninas de todas as regiões, com idade entre 15 e 24 anos, considerando sua diversidade e representatividade do território brasileiro, para discutir nossas vidas no contexto pós pandemia. Fomos apagadas na cobertura da pandemia, mas estamos cientes de que seus efeitos ainda não acabaram. Precisamos assegurar que toda a sociedade nos leve em conta na construção do mundo pós-pandemia.

Formamos dois grupos – um em 2020 e outro em 2021 –, com uma média de 26 meninas cada, das cinco regiões do Brasil, engajadas em discutir e compreender nossas demandas relacionadas à saúde, educação, renda e combate à violência, e dispostas a criar estratégias para sensibilizar e influenciar governos e autoridades sobre nossos direitos. Não permitiremos retrocessos e reforçamos os compromissos assumidos pelo Brasil em diferentes acordos



internacionais, incluindo a Agenda dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que afirma que será objetivo do país “Promover a Igualdade de Gênero e Empoderar todas as meninas e mulheres” e cobramos então a responsabilidade do Estado brasileiro na promoção e defesa dos direitos de meninas.

Para materializarmos isso, nós meninas estivemos juntas em um processo de discussão de nossas demandas e compartilhamos entre nós as estratégias que estamos utilizando em nossas famílias, comunidades, cidades e estados para enfrentar este momento tão crítico da nossa sociedade. Nosso apelo surge do reconhecimento e da apropriação do nosso direito de participação e de sermos ouvidas sobre aquilo que diz respeito às nossas vidas. Estamos engajadas no compromisso de ajudar líderes e autoridades a tomarem decisões mais condizentes com nossa realidade e que apontem para resultados mais efetivos, pois um mundo melhor para as meninas é um mundo melhor para todo mundo!

Nossas discussões permearam três eixos: educação, proteção e saúde. Em cada tópico, apresentaremos aqui um copilado do que foi discutido nos nossos momentos on-line:

Saúde

“Nosso corpo é nosso templo” Itocovoti (adolescente Pataxó, representante da Bahia)”.

Para nós, meninas, é importante frisar que quando nossos familiares ficam doentes, somos nós que passamos a tomar conta da casa e dessas pessoas enfermas, ficando mais expostas a diversos riscos e a questões emocionais. É preciso notar também durante e após a pandemia as questões da saúde menstrual das meninas, visto que a saúde sexual e a saúde reprodutiva e os direitos sexuais e os direitos reprodutivos precisam estar no foco das políticas de saúde direcionadas para adolescentes e jovens. Pensando nas questões de saúde queremos:

- Ser atendidas com qualidade – que profissionais estejam preparados para reconhecer nossas necessidades e respeitem nossos direitos, nossa identidade de gênero e orientação sexual;
- Que não falem médicos e médicas em nenhuma das localidades onde vivemos, sejam elas na cidade, no campo ou na floresta;
- Que existam programas de saúde que reconheçam nossas especificidades de meninas tanto na promoção da saúde, na prevenção, como também no atendimento;
- Que tenhamos acesso à informação de qualidade e com linguagem acessível sobre a saúde;
- Que tenhamos informação e condições de escolher livremente sobre nossos direitos sexuais e direitos reprodutivos.

Para isso, queremos ter:

- Políticas de saúde voltadas especificamente para as meninas;
- Humanização no atendimento às meninas adolescentes;
- Educação sexual nas escolas;
- Programas e políticas públicas eficientes na perspectiva do bem-estar emocional

Proteção

“Por uma sala de aula com menos risco para as meninas” Iara (adolescente representante do Pará)”

“Os teclados tornam as pessoas mais covardes” Carolina (adolescente representante do Rio Grande do Sul)”

A violência contra crianças e adolescentes e contra meninas e mulheres aumentou assustadoramente com a pandemia. As meninas crescem numa sociedade que as deslegitima e precisam ter suas vozes respeitadas para relatar os abusos que sofrem, sobretudo o psicológico. Este quadro evidencia a urgência de políticas efetivas de proteção para esses grupos. Durante a pandemia, o aumento da violência on-line e psicológica contra meninas também foi alarmante. Os dados apontam para uma realidade que coloca meninas e mulheres em situação de risco constante: segundo pesquisa realizada pela Plan, quase 70% delas afirma já ter sofrido assédio nas redes sociais. Pensando nisso, precisamos urgentemente:

- Que as meninas possam ter a garantia para se sentirem seguras;
- Ser protegidas contra o abuso e violência sexual e de todos os demais tipos de violências;
- Que os serviços de segurança pública não reforcem a violência psicológica que as meninas já sofrem;
- Que nos serviços de segurança pública e de proteção sejamos atendidas por outras mulheres para que não sejamos revitimizadas;
- Que as leis e os programas reconheçam nossas especificidades como meninas e mulheres, que nos protejam de forma igualitária;
- As empresas de redes sociais precisam levar as denúncias de violência on-line mais a sério;
- Que as autoridades olhem para a violência no campo, como essas meninas podem denunciar, a quem elas podem recorrer;
- Que as políticas públicas afirmativas sejam mais efetivas para garantia de proteção às meninas e mulheres.

Para isso, queremos:

- Delegacias da mulher e de crianças e adolescentes abertas 24 horas, com presença de mulheres que possam nos atender;
- Que as leis sejam efetivas e nos protejam realmente;
- Que as delegacias especializadas ao atendimento de crianças e adolescentes tenham também um enfoque de gênero;
- Que o transporte público seja seguro e adequado para todas nós, e que tanto o caminho como nossas escolas sejam seguros;
- Que os processos de mobilização da sociedade não sejam reprimidos para que a gente possa continuar lutando pela proteção das meninas.

Educação

“Pesquisas mostraram que uma grande porcentagem de meninas não retornou para a escola quando a pandemia acabou. Vamos lutar juntas para que as estimativas não se tornem uma realidade” Auricélia (adolescente representante do Piauí).

“Para a educação no “pós-pandemia” queremos garantir o acesso! Garantia e permanência de processos que promovam a equidade de gênero” Carolina (adolescente representante do Rio Grande do Sul).

As meninas não conseguem exercer suas práticas escolares de forma plena porque fazem as tarefas domésticas e ajudam as mães em casa. O espaço rural sofreu de forma mais intensa com o ensino remoto, devido às más condições de internet no campo. As meninas precisam ter direito à participação e ao acesso de qualidade à educação, pois no momento há uma ausência de políticas públicas que possibilitem essa participação.

As meninas sofreram e ainda sofrem com questões emocionais porque, além de todos os problemas a que estão expostas, precisam dar suporte à família e isso afeta ainda mais seu bem-estar emocional.

Nesse sentido precisamos:

- Que a política de educação dê conta de acolher e dar suporte às comunidades que não têm acesso à internet e que o Estado garanta acesso à tecnologia básica e de qualidade em todo o território nacional;
- Que nossas escolas sejam um lugar agradável, bonito e seguro para nós, meninas;
- Ser tratadas com respeito, e não correr riscos de sofrer assédio, abuso e violência sexual;
- Promover um ambiente educacional baseado na cultura de paz e tolerância livre de bullying, violências e discriminações;
- De uma escola que nos prepare para a vida em condições iguais às dadas aos meninos;
- Que as meninas tenham espaços para que possam dialogar e discutir entre si sobre suas questões emocionais e que tenham serviços de qualidade para acessar o apoio de que precisarem;
- Que as leis existentes sobre educação no Estatuto da Criança e do Adolescente sejam postas em prática de forma mais eficiente.

Para isso propomos:

- Programas que garantam nossa segurança e proteção na escola e no trajeto para ela;
- Que as escolas sejam mais próximas de nossas comunidades e o transporte escolar seja sempre seguro e de fácil acesso;
- Maior efetividade dos programas e das campanhas de prevenção nas escolas, que sejam integrais e em todo território nacional;
- Que programas como o Jovem Aprendiz cheguem a todo o território nacional;

Munidas dessas demandas e encaminhamentos gostaríamos de fazer nossas vozes ecoarem o mais longe possível para que nossas questões sejam ouvidas e atendidas. Queremos, sim, participar de fóruns, encontros, conferências, mas precisamos de eventos e espaços com mais adolescentes meninas. Esses eventos devem ser atraentes e devem ter ações específicas para adolescentes meninas; devem ter uma oratória e linguagem jovial, com metodologias e dinâmicas diferentes, com espaços de integração entre adolescentes e adultos, mas com espaço para a fala de jovens. Ainda há muito preconceito quando adolescentes se expressam!

É urgente que o poder público possa envolver as meninas nas discussões a respeito da elaboração de políticas públicas que lhes digam respeito e por isso propomos também a criação de um comitê de meninas, ligadas a Secretaria de Política para Mulheres para que possamos incidir de fato na elaboração e implementação dessas políticas, pois um mundo melhor para as meninas é um mundo melhor para todas as pessoas!

Aguardamos sua resposta e nos colocamos à disposição para participar de um encontro presencial. Nossa sugestão é que ele ocorra no dia 11 de outubro, Dia Internacional da Menina. Estamos ansiosas para conversar pessoalmente sobre todas as questões que impactam as nossas vidas.

Um abraço,

26 adolescentes do Comitê de Meninas pela Igualdade de Gênero